



Mutações impostas à permanência do Observatório da Imprensa¹

Adriana Domingues Garcia²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise empírica sobre as mudanças ocorridas no *site* Observatório da Imprensa (OI) considerando a hipótese inicial de que nos processos comunicacionais atuais é preciso que haja a superação dos suportes midiáticos, a qual se transforma em convergência e dispersão de usos e tecnologias. Esse exercício se faz necessário para a formulação de proposições que possibilitarão o aprimoramento de hipóteses sobre como se dá a interação social dentro desse dispositivo interacional específico de crítica da mídia (Braga, 2011). A matriz metodológica está embasada na dialética ascendente, proposta por Ferreira (2010), e busca extrair da exploração dos materiais empíricos indicativos sobre as questões da pesquisa.

Palavras-chave: Miatização; Dispositivo Interacional; Trabalho Social; Dialética Ascendente; Observatório da Imprensa.

Introdução

A organização da crítica da mídia é uma consequência das demandas sociais em busca de cidadania, porém, não é um instrumento novo da sociedade brasileira. Os observatórios de mídia, para o público em geral³, surgiram no mundo, inicialmente, em 1986, nos Estados Unidos⁴, como organização fiscalizadora da atuação dos veículos de comunicação, cada uma com suas perspectivas ideológicas diferenciadas.

Em setembro de 1995, na França, foi fundado o *Observatoire de la Presse*, integrante do *Centre de Formation et de Perfectionnement des Journalistes* (CFPJ). Este serviu de modelo ao projeto Observatório da Imprensa (OI), uma iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) e um projeto original do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

No Brasil, o OI foi um dos precursores a instaurar um debate social explícito das práticas jornalísticas sob a perspectiva dos MARS (Meios para Assegurar a Responsabilidade

¹ Trabalho apresentado no DT 5 Multimídia – GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 2 a 6 de setembro de 2011, em Recife, PE.

² Jornalista, mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na Linha de Pesquisa Miatização e Processos Sociais. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: adrigarcia_sm@hotmail.com.

³ No Brasil, em 1965, existiram outros observatórios de mídia liderados por Alberto Dines, como o “Cadernos de Jornalismo e Editoração” e “Crítica da Informação”, porém, a distribuição era restrita ao meio acadêmico (LOURES, 2008).

⁴ Existem pelo menos duas grandes organizações similares, cada uma com ótica política própria: a *FAIR (Fairness & Accuracy in Reporting)*, fundada em 1986 com o propósito de fiscalizar a intromissão do poder econômico e político na imprensa. Edita uma revista bimestral, *Extra!*. Sua contrapartida no campo conservador é a *Accuracy in Media*, mais inclinada para apontar as infiltrações e distorções liberais na grande imprensa americana. Embora concorrentes, completam-se, constituindo um sólido aparelho crítico, pluralista e democrático (Fonte: <http://www.observatorioidaimprensa.com.br/pages/oiobjetivos>).



Social da Mídia). A permanência do projeto se deu tanto pelo emprego e inovação de recursos tecnológicos promissores quanto pelo interesse e uso por parte dos internautas. Ainda em 1996, a internet estava surgindo no país e a plataforma digital do *site* já apresentava o caráter de interatividade. O *site* foi um dos primeiros veículos a fazer o processo inverso de convergência midiática, pois, foi criado para a *web* (1996), passou para o ambiente televisivo (1998) e depois ao radiofônico (2005).

No mês de junho de 2011, uma importante revitalização foi realizada para comemorar os 15 anos do projeto OI. É sobre essas mudanças que será feita uma descrição indicial e algumas inferências baseadas em categorias analíticas extraídas do próprio material empírico. Este procedimento auxiliará na descoberta de novas proposições que aprimorem questões hipotéticas de pesquisa sobre os processos comunicacionais no/do *site*.

Segundo informações do *site*⁵, o OI tem como matéria-prima das avaliações e diagnósticos o jornalismo como um serviço público. “A Sociedade Civil deve abranger sucessivos níveis de monitoração e atuação, de forma a diminuir a distância entre os poderes e a cidadania, convertendo-se ela própria numa instância” (OBJETIVOS, 2011). Desta forma, o veículo de crítica da mídia propõe-se a funcionar como um atento mediador entre a mídia e os mediados, preenchendo o espaço social, até agora “praticamente vazio”.

Entende-se que o serviço oferecido pelo OI é apresentar um espaço de debate sobre as ações dos campos midiáticos e, conseqüentemente, extramidiáticos, com o intuito de auxiliar o público (especializado ou não) nas reflexões sobre as práticas e processos jornalísticos. Esta atuação é baseada em princípios éticos do jornalismo ideal, além de ideologias não muito bem definidas, mas diversificadas, embora a organização autodenomine-se entidade civil não partidária.

Acredita-se que a crítica mista (especializada e leiga) do OI pode contribuir para uma participação mais eficaz do seu público no debate sobre a mídia e as ações sociais. Para, além disto, devido ao formato instituído, esse dispositivo de crítica midiática pode exercer alguma forma de “controle” sobre os seus públicos, no sentido de aprendizagem, padronização ou decifração das práticas sociais e discursivas.

A esses processos pretende-se investigar os modos de interação e os vínculos constituídos entre organização de crítica da mídia e indivíduos na internet, ou seja, por meio de que lógicas os levam a interagir nesse dispositivo. Evidencia-se que o OI acompanha, desde sua fundação, os avanços de recursos de convergências tecnológicas e dispersão de usos para

⁵ Para que serve um observatório da imprensa?
(<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/pages/oiobjetivos>)



publicar seus conteúdos simbólicos. Cabe a este artigo apresentar algumas constatações sobre estes aspectos tecno-tecnológicos sob uma perspectiva macroestrutural.

O dispositivo interacional OI

O objeto empírico apreendido permeia o movimento apresentado, de uma nova ecologia comunicacional (GOMES, 2006), em que os conteúdos midiáticos exercem a função de disciplinar as pessoas para assumirem determinadas condutas sociais, permeados por uma ideia de poder, sendo que a técnica é mero instrumento para o exercício desse poder. A partir das disposições dos produtos midiáticos oferecidos pelo Observatório da Imprensa (OI), convergentes e dispersos ao mesmo tempo, são realizadas operações de caráter tentativo e probabilístico, conforme apresenta Braga (2010) ao defender que o processo comunicacional só se completa na variação de apreciações fruidoras que podem ocorrer, ou não.

Nesta análise, o *site* OI é visto como um dispositivo interacional, conforme hipótese heurística de Braga (2011). Para o autor, é construído um “lugar de observação de interações”, dentro de um sistema de relações que colocam em funcionamento processualidades comunicacionais.

Cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação, recorre a determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação. Tais matrizes – culturalmente disponíveis no ambiente social (e em constante reelaboração e invenção) correspondem ao que chamamos aqui de “dispositivos interacionais” (BRAGA, 2011, p.5).

A estes processos, investiga-se objetos materiais e imateriais heteróclitos, ou seja, constata-se aspectos heterogêneos que de algum modo se articulam em um determinado processo sociocomunicacional. Estes objetos são representados por elementos da ordem da codificação, como a linguagem; circunstanciais e inferenciais; técnicos; culturais; de ordem prática; institucionais; e ainda, alguns são essencialmente comunicacionais.

Braga (2011) assinala que o dispositivo deve ser visto por seu estado de superfície, expressando mais o próprio processo do que um determinante. Entretanto, os participantes imediatos com seus referentes político-culturais intervêm, mas, estes não são totalmente prévios nem a-históricos. Sofrem, portanto, a incidência da própria interação. “Com os dispositivos, o que temos é antes uma organização *ad-hoc*, prática, pragmática mesmo, que funciona enquanto funciona, recuperando, portanto, sua historicidade” (BRAGA, 2011, p. 10).

Desta forma, é possível articular estruturas e processos sem a radicalidade do estruturalismo⁶, assim, a estrutura é um modo de organizar e fazer funcionar “as coisas”. Entende-se, portanto, que a estrutura não é uma entidade à parte que – de fora – comanda os processos. E sim, como um aspecto organizador ou articulador dos dispositivos, que decorre historicamente dos processos. São modos tendenciais para seu exercício continuado, ou seja: tornam-se padrões, regras, códigos e para-códigos. Assim, é mais adequado nomear o dispositivo como “modos de fazer socialmente produzidos e tornados disponíveis” (BRAGA, 2011, p. 10).

O autor alerta que devemos evitar a ideia simplificadora de que os dispositivos seriam simplesmente os meios de comunicação, tecnologias ou suportes. Pois, as relações se constituem alargadamente pelas conexões que mantemos entre nós, os outros e o mundo. No entanto, não é o elemento tecnológico que se destaca no processo, mas sim, dá direção e sentido a seu uso, levando à construção crítica do leitor, aos modos de endereçamento, às promessas e contratos. Isto é, aos processos que cercam dois fatores cruciais: a circulação midiática (de produtos) e a circulação social (de resposta social compartilhada).

Compreende-se que o potencial comunicacional do *site* OI é o compartilhamento da crítica, uma vez que a sua lógica operacional é caracterizada pela difusão de opiniões, comentários e reflexões sobre as práticas jornalísticas, tanto por parte dos profissionais, os quais possuem uma sensorialidade mais aguçada, quanto por usuários da imprensa, para os quais também é direcionado esse veículo.

No âmbito da midiática, para se ter maior probabilidade na busca de reações interpretativas objetivadas, é preciso que o produtor assimile a elementos basilares, para que se maximize e viabilize a circulação condizente e transversal na sociedade. Ou seja, o esforço da produção do *site* OI é abordar temáticas e acontecimentos que estão em efervescência, difusos e dispersos nos meios de comunicação e na sociedade midiaticizada. Assim, será possível alcançar reações interpretativas e aprendizagem pública singular e provável.

A previsibilidade da comunicação nesse dispositivo interacional específico de crítica da mídia é assegurada pelos vínculos criados, através da utilização de recursos discursivos e tecnológicos exclusivamente interativos, como os comentários de internautas nos rodapés dos artigos e as irradiações para outros locais da *web*, como o *Twitter* e *Facebook*.

De acordo com Braga (2010), para que se concretize o processo de tomada de consciência de sua própria experiência, da reação proprioceptiva, é preciso que se diga, ou que

⁶ Braga (2011) adverte que o entendimento de dispositivo deve contrapor à ideia de “estrutura” no sentido estruturalista: prévio, profundo e determinante sobre o que nele é moldado.



se compartilhe, para que se expressem objetivamente as opiniões dos interlocutores. Com isso, é provável que se construa uma produção de sentido com características a mais do que um relato frio e impressionístico da experiência.

Um caráter marcante na formação do objeto em análise é que a retroalimentação do circuito de expressão deve ser baseada nos princípios de aprendizagem pública e intenções modificadoras. A processualidade interacional do *site* reinsere na circulação social manifestações com teores críticos sobre a mídia e fornece perspectivas para que sejam absorvidas e incorporadas ao debate público concreto, a partir de compartilhamentos por parte dos produtores e receptores.

A insurgência dos modelos de processos comunicacionais convergentes e dispersivos e a dinâmica intrínseca ao jornalismo digital criam uma interface entre produtor e receptor, devido aos processos colaborativos e participativos do público. O caráter marcante nessas práticas e processos é a multidimensionalidade interativa e a diversidade de dispositivos que acionam a construção de sentidos.

Esses processos impulsionam as relações do campo midiático com os múltiplos atores, possibilitando a socialização em âmbitos de aprendizagem social e de crítica midiática, ou seja, através dos dispositivos interacionais de crítica midiática. Braga (2006) estuda esse movimento peculiar da midiatização, dentro de uma dinâmica composta por processos e dispositivos imbuídos a desenvolverem trabalhos críticos sobre os produtos midiáticos. O autor define duas vertentes críticas: a crítica de sociedade (leiga) e a crítica especializada (jornalística). Entretanto, os dois tipos têm limitações e nenhuma é superior à outra, e sim, são complementares.

Segundo Braga (2006, p. 51) o trabalho social não depende do caráter de crítica interna *versus* crítica externa, mas sim da observação apenas do teor crítico, atrelado aos conceitos assumidos sobre a sociedade, assim como, a operacionalidade na sociedade, enquanto gesto social. Nesse ângulo, todas as críticas são interessadas e participantes na sociedade, tornando-se internas, porém, algumas são produzidas em lugares extramidiáticos.

Nessa perspectiva, a crítica de sociedade é feita de acordo com gostos e afinidades e pode estar relacionada com a crítica especialista, que é uma observação sistematizada contribuinte para o desenvolvimento de competências de seleção e interpretação dos produtos midiáticos. No entanto, a participação da crítica especializada fornece perspectivas consistentes para o desenvolvimento de um debate social mais fundamentado.



Trabalho social e práticas discursivas

O estudo sobre os movimentos de interações sociais no *site* Observatório da Imprensa (OI) está embasado no processo midiaticizado de comunicação, visto como um posto avançado de observação. Entende-se que há trocas simbólicas complexas entre campos e atores sociais que colocam em funcionamento o objeto de estudo. Busca-se compreender os processos de constituição do discurso, que podem ser definidos como o lugar de trabalho social de produção de sentido. Sendo que o discurso não é um objeto, não se limita às possibilidades de articulação de conceitos isolados da língua, não é o reflexo de uma situação. Antes, configura-se como uma prática: a prática discursiva, engendrada à intencionalidade, a fatores extradiscursivos, às condições históricas, culturais, econômicas, ideológicas, psíquicas, geográficas, sociológicas e linguísticas que configuram as condicionantes de produção de sentido. Com isso, as condições desse processo interacional não passam de forma mecânica, das estruturas sociais para as ações dos sujeitos, necessita-se de um trabalho social e linguístico de reconhecimento.

Nessa visão, a processualidade comunicacional no *site* OI é realizada, de acordo com a ideia de Fausto Neto (2005), através de meios-pulsão, isto é, dispositivos sociais que impulsionam as relações do campo midiático com os demais campos: político, educação, religião, econômico, etc, e, em especial, com o próprio campo midiático. Nesta conjuntura, as práticas discursivas são associadas a trabalhos sociais, possibilitando a socialização em âmbitos de informação, de aprendizagem e de crítica.

Essa perspectiva pragmatista permite considerar que o objeto de estudo exerce uma função que está além de refletir ou interagir no âmbito de trocas simbólicas e tecnológicas. E sim, assumir um papel disciplinar, que interfere em determinadas condutas sociais dos pares. Além disso, essa visão multidimensional contempla a transversalidade das relações entre os atores sociais que acionam os diversos dispositivos disponibilizados, compostos por elementos materiais e imateriais, convergentes, como rádio e televisão convencional e digital, associações em rede, recursos de linguagem crítica-analítica baseados em preceitos éticos sobre a prática jornalística, todos interconectados na macroestrutura do *site* OI.

As principais ferramentas de comunicação no processo midiaticizado são a interação e a interatividade⁷, ou seja, há a efervescência desse modelo comunicacional participativo, colaborativo e convidativo. A comunicação torna-se mais eficiente quando há reciprocidade explícita na interação proposta, quando se exige mais que uma simples leitura e sim uma

⁷ Para conceituar brevemente, neste artigo, entende-se “interação” como se referindo às relações humanas e os usos sociais das tecnologias. E “interatividade” como relação homem-máquina, conforme define André Lemos (1997): uma forma de interação técnica, isto é, a interação homem-técnica. A relação desses dois elementos, supostamente, gera predisposição para mais “interação social”.



manifestação por parte do receptor-emissor. O grande diferencial são as trocas compartilhadas entre os sujeitos.

Kerckhove (1999) coloca em desuso o termo inteligência coletiva, afirmando que com a nova ecologia das redes, com os novos hábitos cognitivos sociais e pessoais, o processo se estreitou em uma inteligência conectada. “La interactividad es la relación entre la persona y el entorno digital definiendo por el hardware que conecta los dos” (KERCKHOVE, 1999, p.21)⁸. O autor refere o processo como um enlace mental entre nós mesmos e o planeta, por meio de projeções multisensoriais.

O recurso de interatividade formou, segundo Valdetaro (2009), a cultura da interface, em que a lacuna existente entre produtor e receptor está apagada, quase imperceptível. O caráter marcante em ambientes de convergência de tecnologias e linguagens, como a *web 2.0*⁹, é a multidimensionalidade interativa e a diversidade de dispositivos sócio-técnico-discursivos que acionam a construção de sentidos.

Dentro desse novo espaço comunicacional, os vínculos são arquitetados por identidades flutuantes, com modificações nas condições de produção e reconhecimento. Além disso, Valdetaro (2009) constata a coexistência de diferentes regimes espectoriais e de consumo, isto é, a multiplicidade do desejo. Porém, na nova ambiência, os novos processos não anulam os já existentes, eles se complementam:

Es posible reconocer, de este modo, la particular sinergia entre viejos y nuevos medios se produce, como por ejemplo, em época de elecciones políticas, la competencia entre encuestas en boca de urna por un lado, y la producción de impresiones em caliente de los usuarios de Twitter [...] Del mismo modo, la captura e publicación en Youtube de imágenes anónimas, que luego levanta la televisión (VALDETTARO, 2009, p. 8)¹⁰.

Para a autora, os novos meios passam a fortalecer os já consolidados. A utilização deles em conjunto serve de uma importante ferramenta de controle e disciplinamento do público e, se bem empregados, transformam-se em um novo modo de exercício da democracia, em que o indivíduo torna-se um cidadão virtual.

⁸ “A interatividade é a relação entre a pessoa e o ambiente digital, definida pelo *hardware* que conecta os dois” (KERCKHOVE, 1999, p.21, tradução nossa).

⁹ Termo utilizado para designar a mudança nos usos da *web*. Nesse processo, há maior entendimento das regras por parte dos usuários para fazer bom uso da plataforma digital, aprimorando a interatividade, e conseqüentemente, a interação/comunicação entre os sujeitos.

¹⁰ “É possível reconhecer, desta forma, a sinergia especial que é produzida entre antigas e novas mídias, como exemplo, em época de eleições políticas, a concorrência entre as pesquisas de boca de urna e a produção de impressões quentes dos usuários do *Twitter* [...] da mesma forma, a captura e publicação de imagens de anônimos no *YouTube*, que em seguida levanta a televisão” (VALDETTARO, 2009, p. 8, tradução nossa).



Nesse sentido, é evidente a ampliação dos espaços de vozes. Com esse propósito, a mídia solicita a colaboração do público, mas não como fonte, e sim como participação efetiva na produção, ou como comentarista. Os exemplos são constatados quando os usuários, leitores, internautas, telespectadores e ouvintes têm um espaço exclusivamente destinado para eles opinarem ou fornecerem a informação, interferindo nas rotinas produtivas das redações, através de produções próprias. Esta realidade é um grande avanço e se aprimora a cada minuto. No entanto, como todo o sistema organizado, deve haver moderação e controle nesses processos participativos.

A convergência das narrativas transmidiáticas (JENKINS, 2008) são as franquias que integram múltiplos textos para criar uma narrativa tão ampla que não pode ser contida em uma única mídia. Esse processo é constatado no OI através das produções que são veiculadas nos meios convencionais e que depois ficam disponíveis para visualização e aprofundidade na internet. Como exemplo, os programas de formato televisivo e radiofônico, veiculados nas emissoras públicas TV Brasil e Rádios MEC AM e FM, em determinados horários, e posteriormente disponibilizados para visualização na estrutura digital do *site*.

Há também o recebimento de informações de notícias do *site* OI por meio de *Feeds RSS* (agregador de conteúdos atualizados do *site*), onde são expostas automaticamente as informações no próprio navegador de internet. Estes processos revelam a praticidade e comodidade que as novas tecnologias trazem à vida contemporânea, pois o internauta poderá ter acesso ou rever o conteúdo midiático no momento que achar oportuno, assim como, personalizar a sua busca por informação.

Outro comportamento surgido nos últimos anos é a amizade ou vitrine virtual com a explosão das chamadas redes sociais, entre elas: *Orkut*, *MSN*, *Facebook*, *Myspace*, *Twitter*, etc. No entanto, Valdetaro (2009) desconstrói a ideia da nomenclatura empregada, pois, para a autora, no ambiente virtual, cria-se uma multiplicidade de associações, que, do ponto de vista investigativo, não são redes sociais no sentido *strito sensu*, por não produzirem vínculos estáveis e pela noção frágil de não ter uma causa de sociedade. Por isto, ela classifica como “associações em rede” o que o senso comum chama de redes sociais, por serem constituídas de pseudoamigos com afinidades em comum, ou identidades flutuantes, com suas derivações semânticas: tribos, comunidades, clãs, etc. Nesse novo patamar, a digitalização de vínculos muda as condições de pertencimento dos indivíduos e as identidades culturais dão lugar a avatares e personagens *fakes*.

Na produção jornalística, a mudança ocorre não só nos processos de convergência tecnológica/midiática, mas também na produção discursiva. Fausto Neto (2005) detecta que não

há mais segredo na construção da realidade, pois, hoje, ocorre o desvelamento da realidade da construção, mostrando os bastidores da notícia. Nos processos comunicacionais contemporâneos, o público tem mais interesse em saber como foi construída determinada verdade. Isso garante confiança aos consumidores de informação, que hoje estão mais críticos e menos susceptíveis à manipulação.

Todos esses comportamentos inovadores, por parte da mídia e do público, resultam em novas configurações de modos de interação em um espaço diferido e difuso de construção de sentidos. Eles são indícios de como é dado movimento à midiatização no espaço social complexificado pelas práticas sociocomunicacionais.

Caminhos metodológicos para a análise macroestrutural do OI

Todos os pressupostos da midiatização, vistos até aqui, são necessários para as aproximações e esclarecimentos sobre o observável empírico. Porém, para que se parta literalmente ao empírico é preciso desvincular-se de todas as teorias e conceitos mobilizados até agora, neste artigo. Esta é a proposta de Ferreira (2010) ao apresentar o método da dialética ascendente¹¹, um esquema que parte dos materiais empíricos até as teorias (materiais empíricos – índices – categorias – hipóteses – interpretações – conceitos – teorias).

Para o autor, o objeto empírico é uma abstração, em que ocorrem interações entre sujeito e objeto. É neste contato com os materiais que emergem infinidades de indícios. Porém, os indícios devem ser selecionados e este recorte é um momento de ruptura com os desenhos ortopédicos do *corpus* empírico.

Ferreira (2010) considera que uma das qualidades do procedimento de análise ascendente é que o empírico é a fonte pura das hipóteses, mesmo quando estas estão reprimidas. De acordo com o autor, o método se refere aos percursos do objeto empírico ao objeto construído, e vice-versa. Ele diferencia método de metodologia, afirmando que a segunda são ações e discursos que nos colocam em movimento, interação, transformando lugares do pesquisador e do objeto.

A adoção de um método descritivo indicial dos elementos que colocam em funcionamento a interação, ou seja, trabalham a comunicação do *site* OI, dará suporte para a análise de uma perspectiva especificamente comunicacional apresentada pelo objeto empírico construído. Braga (2007) defende que as pesquisas em comunicação devem se deter a gerar

¹¹ Ferreira (2010) esclarece que a dialética descendente (teorias – conceitos – interpretações – hipóteses – categorias – índices – materiais empíricos) é mais comum nas pesquisas em comunicação, porém, esse método faz movimentos dedutivos, procurando mostrar que a realidade empírica se configura conforme as proposições das teorias e conceitos escolhidos. Para o autor, isso desvaloriza a percepção psicológica do indivíduo observador.

questões mais próximas do comunicacional. Por isso, o autor sugere o procedimento de desentranhamento do comunicacional, que é o de investigar perguntas que têm sido elaboradas sobre determinado fenômeno comunicacional; e tentar ir além dessas perguntas, procurando desenvolver questões não elaboradas nas demais disciplinas.

De acordo com Braga (2007) o desentranhamento é uma maneira de destacar o que há de comunicacional em um estudo e não afastar questões de outras disciplinas, como sociológicas, linguísticas, psicológicas, etc. Trata-se de “perceber os fenômenos (mesmo fazendo referência a elementos destas outras ordens) pelos ângulos em que podem fornecer aportes significativos para questões propriamente comunicacionais” (Braga, 2007, p. 5).

Essa postura auxilia na elaboração de abduções e inferências para novas hipóteses, mais aperfeiçoadas, para o desenvolvimento de interpretações concorrentes e explicações de considerações pertinentes ao estudo, focando sempre no aspecto das práticas e processos realizados para efetivamente comunicar.

O objeto empírico apreendido nesta análise é formado pelo circuito de circulação que se forma entre o OI e os seus públicos, em um nível de observação macroestrutural¹², ou seja, dos processos sócio-tecno-discursivos, das lógicas operacionais do *site* OI e seus interdispositivos de difusão, convergência e fragmentação. Assim, será possível uma compreensão das lógicas gerais de funcionamento.

A hipótese inicial para este viés de análise é que na prática comunicacional atual, há uma superação dos suportes midiáticos, a qual se transforma em convergência e dispersão de usos e tecnologias, em que os novos meios precisam se adequar de acordo com a natureza de seus produtos e com o segmento, almejando o reconhecimento do público-alvo. Assim, cada veículo, e em especial os digitais, procuram trabalhar as possibilidades e características do meio on-line.

Neste nível mais abrangente, o método adotado busca encontrar novas hipóteses, ou aprimorar as existentes, para as perguntas-problema: De que forma o OI explora as potencialidades comunicacionais oferecidas pelas novas tecnologias, por meio da convergência de dispositivos midiáticos, conteúdos e usos que acionam a circulação de sentidos? De que maneira se desenvolvem os processos de comunicação, promotores de articulação e organização entre o *site* OI, os demais campos sociais e os atores sociais?

Neste nível de analítico, são feitas descrições indiciais das questões relacionadas às mudanças interativas significativas, depois da remodelação do *site*, ocorrida no mês de junho de

¹² Depois de realizada esta etapa macroestrutural, pretende-se desenvolver uma análise em nível de observação microestrutural, sobre as práticas e formas de linguagens, para verificar como os indivíduos se movimentam discursivamente nesta processualidade comunicacional.



2011. Nos quadros abaixo (1, 2, 3 e 4) são realizadas análises comparativas e, a partir desse material, são criadas categorias preliminares extraídas do material empírico apreendido.

Materiais empíricos: <i>Site</i> completo, antes e depois da mudança, em uma visão ampla.
Categoria 1: Revitalização, dinamismo, otimização e deslocamentos
Indícios: <ul style="list-style-type: none">➤ A estrutura geral do <i>site</i> está mais arejada, mais legível e harmoniosa. O internauta consegue perceber com mais definição em qual das 14 seções o texto está inserido.➤ No menu Serviços, um item foi suprimido: o Classificados de empregos, que divulgava vagas e profissionais de comunicação. Outro descarte foi o Blog Observatório no Rádio. O dispositivo de áudio, agora, está integrado somente ao <i>site</i>.➤ O <i>site</i> apresenta mais recursos de acessibilidade, oferecendo itens de participação, indicação e compartilhamento de conteúdos mais visíveis.➤ A identidade visual foi renovada, com o redesenho do logotipo original do OI, criado por Fernanda Leonardo (Ateliê 714). Também foi feito um logo/selo comemorativo aos 15 anos do projeto OI.➤ No <i>site</i> anterior, os artigos em destaque ficavam estáticos, enfileirados no lado esquerdo do <i>site</i>, com apenas um artigo em maior evidência. Atualmente, os destaques ficam dispostos em forma de <i>banner</i>, com cerca de sete destaques que mudam a cada 30 segundos, em média. Além disso, acima dos destaques há acesso direto às seis últimas edições semanais.➤ A seção Marcha do Tempo era no lado direito da página, com bastante destaque, ao lado dos artigos principais. Atualmente, ela foi deslocada para os itens do rodapé do <i>site</i>.➤ Depois da mudança do <i>site</i>, em algumas edições, o serviço Net Banca apresenta novos arquivos para <i>download</i> e fica disponível na estrutura da página, junto a outras seções de destaque, dando maior acessibilidade e visibilidade. Anteriormente ele ficava somente no menu principal, na opção Serviços.

Quadro 1 – Revitalização, dinamismo, otimização e deslocamentos

Materiais empíricos: <i>Site</i> completo, antes e depois da mudança, em uma visão ampla.
Categoria 2: Armazenamento
Indícios: <ul style="list-style-type: none">➤ O internauta tem acesso à relação de todas as edições do <i>site</i> OI, desde a sua fundação, em 1º de abril de 1996, até os dias atuais.➤ No formato televisivo, os programas, desde 5 de maio de 1998, apresentam resumos e transcrições. A partir de 11 de agosto de 2009, estão disponíveis no <i>site</i> e no <i>You Tube</i> os vídeos na íntegra, para <i>download</i> e visualização.➤ Todos os boletins radiofônicos, desde 4 de maio de 2005, veiculados em rádios públicas, também estão disponíveis para ouvir direto no <i>site</i>.

Quadro 2 – Armazenamento

Materiais empíricos: <i>Site</i> completo, antes e depois da mudança, em uma visão ampla.
Categoria 3: Integração, funcionalidades, convergência e dispersão
Indícios: <ul style="list-style-type: none">➤ Anteriormente, os convites para a interatividade nas associações em rede¹³ e outros dispositivos do OI, como programas veiculados na televisão e rádio convencional, eram desinteressantes e pouco funcionais. Os recursos de convergência e dispersão ficavam isolados nos seus ambientes de origem e o <i>site</i> não era integrado às ferramentas de compartilhamento, indicação e difusão de conteúdos. Uma mudança significativa depois da mudança do <i>site</i> foi a utilização de potencializadores do recurso de

¹³ Valdetaro (2009).



dispersão de conteúdos (*Twitter* e *Facebook*), que estão visivelmente no corpo do artigo, dispostos para acionamento tanto no cabeçalho quanto no rodapé do texto, mostrando o número de compartilhamentos.

➤ Após a reformulação do *site*, os canais de convergência (da TV, do rádio, do RSS, do *Newsletter* e *Fale Conosco*) e dispersão (para as associações em rede) encontram-se no lado direito da página em maior destaque. Há também o recurso de visibilidade da atualização de manifestações no *Twitter* e *Facebook*, o que dá maior agilidade ao processo comunicacional.

Recursos atuais de dispersão: As associações em rede são utilizadas para espalhar os conteúdos de crítica do *site* OI. São canais oficiais o *You Tube*, o *Twitter* e o *Facebook*. O OI possui oito comunidades virtuais no *Orkut*, porém, não são oficiais por terem sido criadas por internautas que se identificam e acompanham o *site* e/ou os programas de rádio e televisão.

Quadro 3 - Integração, funcionalidades, convergência e dispersão

Materiais empíricos: *Site* completo, antes e depois da mudança, em uma visão ampla.

Categoria 4: Participação explícita

Indícios:

➤ Na estrutura digital anterior, o texto apresentava o espaço interativo de comentário no final do artigo com a opção discreta de compartilhamento nas associações em rede. O espaço de comentário atual está mais visível, pois, no rodapé do artigo, a caixa de comentário aparece diretamente aberta para o internauta digitar a sua opinião. Uma mudança importante foi que nos comentários não aparece mais a profissão e o local de onde é o comentarista. Porém, no momento de redigir a manifestação, é exigido preenchimento de nome e sobrenome, e-mail, profissão, cidade e Estado.

➤ Na estrutura antiga do *site*, os comentários de internautas eram acionados com o ineditismo da crítica, pela efervescência do tema no debate público, pois, os números de comentários a um artigo não aumentavam no decorrer das edições. Depois de ampliada a possibilidade de espalhar a crítica, através das associações em rede, os comentários passaram a aumentar com o decorrer das edições.

Quadro 4 – Participação explícita

Inferências e articulações gerais

O esforço analítico, a partir das descrições indiciais, é relacionar as quatro categorias comparativas criadas a partir do material empírico para fazer inferências e, posteriormente, aprimorar hipóteses.

Quadro 1) Revitalização, dinamismo, otimização e deslocamentos

No novo *site*, as mudanças, em geral, são de ordem estética e de integração dos elementos potencializadores da interatividade e interação. Os conteúdos continuam praticamente os mesmos, porém, a modificação foi na identidade visual e no design. A importante mutação está na integração dos dispositivos rádio, TV e associações em rede. Assim, agora, eles passaram a figurar como interdispositivos, dentro de um dispositivo maior, que é o *site* e todos os seus recursos comunicativos acoplados. A primeira percepção sobre o *site*, depois da mudança, é de que ele está em movimento, em atualização constante, convergindo e distribuindo conteúdos críticos na *web*.

A seção *Marcha do Tempo*, que trata de críticas produzidas em anos anteriores, passou de conteúdo principal a conteúdo secundário. Isso pode ter sido uma solução para dar mais



ênfase aos assuntos atuais e imediatos, em discussão no âmbito midiático, por serem os que geram maior participação dos internautas. O deslocamento da Net Banca ajuda o internauta a ver o que está sendo disponibilizado para *download*, já que está integrada às demais seções. Estes materiais sobre comunicação são um grande atrativo para os especialistas em comunicação que frequentam o *site*, e ainda podem ajudar a fidelizá-los.

O aperfeiçoamento do Sistema de Busca proporciona mais precisão e objetividade na procura de conteúdos. Entende-se que facilitar o acesso direto aos artigos é uma ferramenta importante para um *site* que possui um vasto arquivo.

Quadro 2) Armazenamento

A capacidade de arquivar conteúdos sem limites físicos é uma característica do meio digital. No OI, a disponibilidade de todos os artigos, vídeos e áudios produzidos proporciona a acumulação de conhecimento crítico.

Quadro 3) Integração, funcionalidades, dispersão e convergência

As associações em rede *Twitter* e *Facebook* passaram a ser partes integrantes do conteúdo do *site*, facilitando a distribuição/irradiação da crítica. Estes são recursos que apagam os limites físicos, pois, funcionam como portas de saída para difusão de conteúdos e tiram a impressão que o *site* esteja isolado no seu ambiente, como era anteriormente.

Quadro 4) Participação explícita

O espaço de comentários de internautas é a característica mais importante do *site*, pois, é nesse âmbito que se esclarecem e se formam as opiniões, em meio à multiplicidade argumentativa. Com esse recurso participativo é possível a apreciação, manifestação e compartilhamento da crítica. Assim, a opinião é formada com mais embasamento e contundência, a partir de uma escala de diferentes valores de interação, desempenhados neste ambiente.

Portanto, considera-se que há vários níveis interacionais no OI. Primeiramente, é instaurado o debate sobre um tema midiático, por um crítico que ocupa um lugar de prestígio, por ser o articulista. Este pode, ou não, suscitar o debate legítimo. Entende-se como debate, quando há trocas de opiniões. Isto é, quando há manifestação explícita por parte do internauta. No caso de artigos em que não há nenhum comentário, não é considerado debate. Esta restrição serve como critério para delimitar as marcas físicas do fluxo de circulação de informações no OI.

Hipóteses consideradas

Visualmente, o *site* já estava defasado e isolado, com uma estrutura não muito facilitadora e interessante de dispersão de conteúdos. As mudanças foram necessárias para explorar mais as potencialidades oferecidas no ambiente digital, com os acionamentos e distribuição pelas associações em rede, que convidam mais leitores internautas a ingressarem no processo comunicacional do *site* OI. Portanto, dar movimento e dinamismo ao *site* e ampliar o tráfego de dispersão de conteúdos foi uma decisão imposta ao *site* pelas modificações comunicacionais dos sujeitos na internet.

A solução encontrada foi unificar os conteúdos do *site* às associações em rede para aumentar quantitativamente o processo interativo do OI. Porém, constata-se que indicar artigos no *Twitter* e *Facebook* não significa eficácia na construção crítica, pois, empiricamente, não há garantia da formação de opinião quando não há uma manifestação verbal e pessoal do internauta sobre o tema em debate.

Em uma visão macroestrutural, a interação no dispositivo OI pode ser entendida a partir da separação em níveis de participação. O 1º nível interacional ocorre quando é feito o primeiro comentário no rodapé do artigo, em que o internauta manifesta seu ponto de vista. O 2º nível interacional ocorre com o acendimento do debate, na transversalidade e diversidade de posições e direcionamentos. É a reação explícita e compartilhada de um segundo leitor/internauta tocado pelas expressões trocadas entre articulista e comentarista, considerados emissores-receptores do processo comunicativo. Neste estágio, alguns comentaristas buscam maior credibilidade nas suas argumentações contrárias, informando outras fontes, e acabam disputando lugar de destaque com o articulista. Há também a reinserção do articulista, ocupando lugar de comentarista. Essa participação ocorre em forma de tréplica, isto é, a resposta da crítica compartilhada, colocada em circulação e que pode ajudar a formar uma opinião mais fundamentada e contundente sobre determinado fato, pois está embasada em mais de um ponto de vista.

Já o 3º nível interacional ocorre com mais frequência e pertence às inúmeras possibilidades e probabilidades de interações críticas entre articulistas e comentaristas despertadas no leitor/internauta não comentarista. Este que não explicita sua opinião nos rodapés dos artigos, ou seja, que não está visível e polemizado no circuito comunicacional. Neste estudo, embora tendo a consciência de sua existência predominante, não será adotado



esse terceiro elemento, pois, interessa à análise desta investigação as marcas físicas do processo, ou seja, quem se faz visível na construção crítica arquitetada pelo OI.

Por fim, compreende-se que o caráter de ilimitado armazenamento de conteúdos do OI é um modelo de memória da construção crítica tanto sobre as práticas jornalísticas quanto a questões sociais. Pois, o trabalho social e discursivo desempenhado neste dispositivo interacional apresenta uma diversidade crítica especialista e leiga que estimula uma cultura de opções pessoais, de formação de opinião sobre os descaminhos da mídia e a afetação que isso provoca nos demais setores da sociedade.

Referências

BRAGA, José Luiz. **A Sociedade Enfrenta sua Mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Pesquisando perguntas: um programa de ação no desentranhamento do comunicacional. In: FAUSTO NETO, Antonio; et al. (Org.). **Midiatização e Processos Sociais: Aspectos Metodológicos**. 1 ed. Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC - Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010, v. 1, p. 79-93.

_____. **Experiência Estética & Mediatização**. Este artigo resulta do desenvolvimento de proposições apresentadas no II Simpósio Internacional de Comunicação e Experiência Estética, realizada na UFMG. 2010.

_____. **Dispositivos Interacionais**. Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. Anais do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.

FAUSTO NETO, Antonio. **Midiatização: Prática social, prática de sentido**. Paper - IECO - Universidade Nacional da Colômbia/Unisinos.PPGCC/São Leopoldo/Bogotá, 2005. 18 páginas.

FERREIRA, Jairo. **Os labirintos sobrepostos**. Texto preparatório ao Seminário DINTER/UNISINOS/UFPI, São Leopoldo/RS, Dezembro de 2010.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na mediatização da sociedade**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

KERCKHOVE, Derrik de. **Inteligencias en conexión** – hacia una sociedad de la web. Barcelona: Gedisa, 1999, p. 17-28.

LEMOS, André L.M. **Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais**, 1997. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acessado em 15/06/2011.

LOURES, Ângela da Costa Cruz. Pequena história da crítica de mídia no Brasil. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 157-172.

VALDETTARO, Sandra. **Audiências: de las “redes sociales” a las “asociaciones en red”**. Ponencia presentada en el Foro Ibermedia, Fundación de Investigación del Audiovisual), Valencia, España, 2009.